



# JUREMIR MACHADO DA SILVA

[juremir@correiodopovo.com.br](mailto:juremir@correiodopovo.com.br)

## Escrever bem

**O** gaúcho Luiz de Antonio de Assis Brasil é um dos melhores escritores brasileiros da atualidade. Além disso, comanda, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, a mais tradicional oficina de literatura do país. É com base nessa experiência que ele lança hoje, “Escrever Ficção: Um manual de criação literária (Cia das Letras), às 19h30min, no Instituto de Cultura da PUCRS. Assis Brasil tem obra, leitura, prêmios e estilo. Escreve limpidamente. Não cultiva as frases obscuras.

Dá um banho de elegância e clareza em escritores adulados pela crítica como Raduan Nassar e Luiz Ruffato. Talvez por isso não seja citado pelos especialistas como o melhor. Críticos adoram listas de melhores. É o poder de Deus. Poder de nomear. No Brasil, a escrita enrolada é considerada sinal de adensamento e qualidade. Assis também faz os mais jovens e incensados comerem poeira, pois injeta conteúdo no que diz. O seu novo livro, apesar do subtítulo, não é um manual no sentido técnico da palavra, um conjunto de instruções para instalar a televisão inteligente. É uma reflexão sobre ficção a partir do que funciona e não funciona. Guy Debord afirmava que “o espetáculo não diz nada além de o que é bom aparece, o que aparece é bom”. Na arte, bom é aquilo que funciona.

O que é funcionar? Encontrar um público. Há dois tipos de público em arte: a crítica e o público em geral. Ser admirado e aplaudido pelos dois é raro. O crítico não gosta de ser confundido com o rebanho. Funciona por distinção. Paulo Coelho tem milhões de leitores e nenhum crítico a seu favor. A glória para alguns é ter os seus críticos de plantão apaixonados e nenhum leitor “comum”. Uma vez, fui com Michel Houellebecq a um debate na Folha de S.Paulo. O francês foi duramente atacado com um argumento sofisticado: os seus livros estavam vendendo muito. Não podiam ser bons. De fato, vender não é garantia de qualidade. Não vender, tampouco.

Assis Brasil sustenta uma bela tese no seu livro: o personagem estrutura a ficção. Esbanja argumentos para defender o seu ponto de vista. A literatura é um mistério. Há cada vez mais gente com vontade de escrever. Tenho a sensação, porém, de que há cada vez menos gente com vontade de ler. A concorrência é desleal. No passado, o problema era o analfabetismo. Hoje, o livro concorre com os games, a Netflix e as redes sociais. Não importa. O livro resiste. Os autores multiplicam-se. A crítica entrincheira-se. Editoras não faltam. Distribuidoras desaparecem. Grandes livrarias quebram. A paixão por histórias continua firme e forte.

Autores buscam reconhecimento. Nem sempre conseguem. Sofrem, desistem, recomeçam, sonham até o fim ou carregam a tristeza do fracasso. Como diz a música, “cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é”. Uns não perdoam os outros. Quando um bota a cabeça de fora, o outro puxa a navalha do julgamento sumário. A mais violenta crítica é o elogio condescendente. Luiz de Assis Brasil mostra como não cometer os erros que fazem a alegria dos críticos e condenam os livros à solidão dos armários.



Autores buscam reconhecimento. Nem sempre conseguem. Sofrem, desistem, recomeçam, sonham até o fim ou carregam a tristeza do fracasso.